

# A ORIGEM DA LITERATURA MARANHENSE

## ORIGINS OF LITERATURE OF MARANHÃO

José Ricardo Costa Miranda Filho<sup>4</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho visa discutir a origem da literatura em território maranhense com o objetivo de analisar e compreender o cenário histórico-social-ideológico do Estado, principalmente a partir do século XIX. Além disso, pretende-se discutir a formação da identidade literária a fim de explicar os fenômenos literários da época e, com base nisso, destacar os principais motivos que colaboraram com a construção do termo *Atenas Brasileira*. Pretende-se discorrer sobre como ocorreu o processo de criação literária na sociedade maranhense como modo de analisar a construção do comportamento dos escritores o qual fez surgir o primeiro movimento literário no Maranhão, o Romantismo, cujos principais escritores foram Odorico Mendes e Gonçalves Dias que colocaram a literatura maranhense no cenário nacional. Além disso, pretende-se explicar como se deu o percurso de desenvolvimento da *Atenas Brasileira* até o declínio do desenvolvimento literário no Maranhão com a finalidade de compreender esse trajeto histórico na edificação da literatura maranhense.

**Palavras-chave:** Atenas Brasileira. Origem da Literatura Maranhense.

**ABSTRACT:** The present article aims to discuss the origin of literature in Maranhão territory with the purpose of analyzing and understanding the historical-social-ideological scenario of the State, mainly from the 19th century. In addition, it is intended to discuss the formation of literary identity to explain the literary phenomena of the time and, based on this, to highlight the main reasons that collaborated with the construction of the term Brazilian Athens. It is intended to discuss how the process of literary creation occurred in Maranhão society as a way of analyzing the construction of the writers' behavior, which gave rise to the first literary movement in Maranhão, Romanticism, whose main writers were Odorico Mendes and Gonçalves Dias who put Maranhão literature on the national scene. In addition, it is intended to explain how the course of development of the Brazilian Athens occurred until the decline of literary development in Maranhão with the purpose of understanding this historical path in the construction of Maranhão literature.

**Key-words:** Atenas Brasileira. Literature. Origins of Literature of Maranhão.

## 1 INTRODUÇÃO

A concepção da literatura maranhense se deu a partir do Romantismo no século XIX, mais precisamente em 1832 com a publicação do poema *Hino à tarde*, de Odorico

---

<sup>4</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação de Letras da UFMA - Mestrado Acadêmico em Letras (ênfase em Teoria Literária). E-mail: ricardomiranda88@yahoo.com.br

Mendes. Pode-se dizer que a construção de uma ideologia na criação literária se deu no Brasil aos poucos, tendo em vista o processo civilizatório no país, além de ser importante analisar que o desenvolvimento do Brasil como país se deu de forma lenta, ocorrendo de fato em 1822 após a independência em relação à Portugal e após mais de três séculos de colonização.

Percebe-se, de certo modo, que a introdução e o desenvolvimento literários no país ocorreram bem devagar, a princípio, devido às primeiras produções locais não terem nenhum parâmetro artístico propriamente por partes dos escritores locais, mas apenas sobre o local. Pode-se afirmar que os escritores presentes no país no início de sua formação literária eram oriundos de Portugal, mas, mesmo assim, contribuíram para a produção artística da época, como afirma Joaquim Norberto de Sousa Silva: “os autores brasileiros começaram de aparecer no começo do século décimo, no meio da luta da invasão holandesa, que ainda hoje conhecemos pelo nome de ‘Guerra brasílica’” (SILVA, 2002, p.54).

Argumenta-se, no entanto, que os primeiros escritos eram apenas sobre o Brasil, mas não foram perpetrados por brasileiros natos, ainda mais devido à literatura feita até então estar intrinsecamente ligada a Portugal, como se pode notar com os primeiros textos feitos no início do século XVI, que eram basicamente de viajantes como Pero Vaz de Caminha o qual apenas descreveu o que vira ao chegar a território até então desconhecido – além disso, esse tipo de texto era literatura de informação, ou seja, “são informações que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro”(BOSI, 2006, p.13) -, e das produções feitas até início do século XIX com o advento do Romantismo em 1836, época até a qual a maioria dos escritores eram portugueses ou filhos de portugueses, mas nascidos no Brasil colônia, como era o caso de Gregório de Matos, que nascera na Bahia, mas tinha formação na Universidade Coimbra e, por isso, ainda discutia em seus textos assuntos muito atrelados à Portugal, embora negativamente como quando escrevia “contra algumas autoridades da colônia, mas também palavras de desprezo pelos mestiços e de cobiça pelas mulatas” (Idem, p.37).

Pode-se afirmar, portanto, que a literatura brasileira teve início com o Romantismo, o qual ocorreu com grande força no Maranhão, tendo sido nesta época em que houve uma imensa necessidade de se começar a escrever sobre aspectos propriamente nacionais com o objetivo de se construir uma identidade própria e sem aquela influência portuguesa que ainda havia nos séculos anteriores. A partir daí, começa-se a notar uma enorme produção literária

acerca dos assuntos nacionais ao se destacar questões sobre as necessidades que havia em território brasileiro, a natureza e assuntos sócio-históricos, no entanto por meio de um olhar puramente romântico, cuja formação não foi diferente em território maranhense que teve escritores com grande importância para a formação literária local, como Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Sousândrade, Antonio Lobo, Odorico Mendes, entre outros nomes que compuseram as primeiras gerações de grandes escritores maranhenses, os quais, assim como na produção nacional, tentaram colocar na escrita algo que demonstrasse as características que os identificassem, ou seja, a intenção era formar uma literatura sem nenhuma influência externa, como vinha acontecendo até aquele momento na literatura brasileira.

Pode-se dizer, portanto, que o intento foi perpetrado em um momento que a economia maranhense estava no auge após São Luís ter sido escolhida como sede da Companhia do Grão-Pará e Maranhão, o que contribuiu com o recebimento do codinome *Atenas Brasileira*, pois este grande desenvolvimento econômico ajudou a cidade a obter um enorme crescimento literário com o surgimento de nomes importantes que formaram três grupos importantes: *Grupo dos Maranhenses* formado por Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Joao Francisco Lisboa, Sotero dos Reis, Sousândrade e Maria Firmina dos Reis; *Grupo dos Emigrados* formado por Arthur Azevedo, Aluísio Azevedo e Raimundo Corrêa; e os *Novos Atenienses* formados por Antônio Lobo, Fran Paxeco, Nascimento de Moraes, Viriato Corrêa, Humberto de campos, Maranhão Sobrinho.

Embora tivesse ocorrido um enorme desenvolvimento econômico com a produção de açúcar e algodão, no início do século XIX a economia maranhense entrou em queda “com a Abolição da Escravidão, em 1888, a queda da Monarquia e a derrocada da agroexportação” (OLIVEIRA; AZEVEDO; 2010, p.141), o que ocasionou numa queda da produção literária no Estado. Deste modo, pretende-se, neste artigo, debater sobre a formação literária no estado do Maranhão, discutir sobre o contexto sócio-histórico na literatura maranhense e analisar e descrever a origem da produção literária maranhense para se compreender os questionamentos de construção de identidade.

## 2 PANORAMA SOCIOCULTURAL E HISTÓRICO DE SÃO LUÍS

O objeto de estudo é a análise sobre o panorama sociocultural e histórico de São Luís para se compreender a origem da literatura local, além de esclarecer o motivo de dar à cidade o epíteto de *Atenas Brasileira*. Além disso, pretende-se avaliar e debater o percurso histórico da origem da literatura maranhense e entender as influências recebidas para a formação discursiva da identidade local que ocasionou uma nova interpretação sobre a literatura que começou a ser tratada com um viés mais nacional a partir do Romantismo.

A Literatura Maranhense sempre foi tendenciosa a ser um berço de inúmeros escritores de imensa qualidade, pois, como afirmou Jomar Moraes, havia uma “expressão regional de vida literária, tão eloquente testemunho de cultura e talento, que logo justificariam, para nosso raciocínio, afeito a comparações com valores do mundo greco-romano, o cognome de *Atenas Brasileira*” (MELO, 2017). Assim, pretendeu-se percorrer a história para se compreender a formação dos aspectos literários em São Luís durante a origem do epíteto *Atenas Brasileira*. Pode-se dizer que, para analisar esse termo, deve-se verificar os discursos promovidos na época para se destacar a literatura de qualidade que foi desenvolvida durante o século XIX, momento que serviu de marco literário, histórico e político para a literatura local. Deste modo, a intenção principal desse artigo é propiciar e destacar como a Literatura Maranhense se originou e ganhou destaque a nível nacional durante o século XIX, quando se começou a construir traços literários sobre a identidade ou identidades pátrias.

É importante analisar a sociedade maranhense com o intuito de se entender as origens de sua literatura. Antônio Cândido, em sua obra *Literatura e sociedade*, afirma que é tão importante compreendermos tanto a sociedade como a obra em si, fato que contribui melhor no desenvolvimento da estrutura interna da obra.

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. (CÂNDIDO, 2016, p.16)

Pode-se afirmar, deste modo, que já uma importância extrema compreender este caráter sociológico/social da literatura a fim de se analisar suas influências nas produções literárias, pois, como afirma Cândido, “o elemento social se torna um dos elementos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros” (Idem, p.18). Assim, justifica-se dizer que a literatura possui uma relação primordial com a

memória e a identidade de um indivíduo e de uma coletividade, como diz Maurice Halbwachs: “a memória é a compilação dos fatos que ocupam o maior espaço na memória dos homens” (HALBWACHS, 2006, p.80). Deste modo, é necessário analisar o quanto é importante o estudo minucioso sobre uma sociedade de determinada época para compreendermos as origens de certos comportamentos, fato que contribui para a formação sociocultural de algum movimento artístico ou tradição.

Faz-se necessário entender como o limite de tempo entre gerações influencia diretamente na formação de um novo olhar, de uma nova perspectiva que diferencia duas gerações. Maurice Halbwachs afirma que:

Em realidade, no desenvolvimento contínuo da memória coletiva, não há linhas de separação nitidamente traçadas, como história, mas somente limites irregulares e incertos. O presente (entendido como estendendo-se por uma certa duração, aquela que interessa à sociedade de hoje) não se opõe ao passado, configurando-se dois períodos vizinhos. Porque o passado não mais existe, enquanto que, para o historiador, os dois períodos têm realidade, tanto um quanto o outro. (Idem, p.84)

Tentar compreender as origens de uma literatura maranhense nos primórdios do século XIX é verificar uma necessidade de se tentar construir traços que definam o caráter e a identidade da sociedade maranhense dentro da literatura, assim como estava acontecendo no resto do Brasil, principalmente após a independência em 1822. Entende-se, a partir daí, que a origem de um novo movimento literário, assim como o estilo, sempre está em constante diálogo com questionamentos sobre acontecimentos históricos de determinada sociedade que interferem diretamente em sua formação, pois nota-se que “a sequência dos acontecimentos históricos é descontínua, cada fato estando separado daquele que o precede ou que o segue por um intervalo” (Idem, p.88).

Embora haja essa separação, é necessário que se entenda existir uma ligação direta entre as ações individuais e as coletivas, ou seja, há uma interferência na constituição de uma identidade de uma sociedade que faz necessário construir seus próprios traços. Antônio Cândido explicou que:

[...] a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da

própria natureza da obra e independe do grau de consciência que se possam ter a respeito os artistas e os receptores da arte. (CÂNDIDO, 2016, p.30)

Portanto, por meio desta análise, pretende-se analisar os questionamentos existentes no século XIX para se compreender a origem da literatura maranhense e como cada autor foi influenciado para destacar essa necessidade de construção de identidade literária que aos poucos fez surgir inúmeros exímios escritores, os quais constituíram ao Maranhão o epíteto *Atenas Brasileira*, certo de que este define e influencia a formação de novos escritores nos dias atuais.

### 3 LITERATURA MARANHENSE: ORIGEM

A identidade da literatura maranhense, como já foi dito, começou a ser delineada a partir de 1832 com a publicação do poema *Hino à tarde*, de Odorico Mendes. Antes desta época, havia uma enorme discussão acerca da literatura brasileira enquanto vista e escrita com seus próprios termos e visões, logo sem nenhuma influência externa como a dos portugueses. É notório que essa busca pelo próprio ser nacional foi uma das causas de a literatura maranhense ter se tornado pródiga em escritores exímios tanto na prosa quanto na poesia.

Entende-se que, deste modo, a literatura brasileira se deu a partir do Romantismo, pois o que se escrevia era a partir do viés de escritores portugueses os quais tinham mais acesso à escrita e às casas editoriais. Apesar de ter havido movimentos literários no Brasil antes do século XIX, é perceptível que as características ainda estavam entrelaçadas com o contexto do que acontecia na Europa, a exemplo do Padre Antônio Vieira que passou parte de sua vida no Maranhão à época do Barroco.

Responsável pelo desenvolvimento da prosa no período do barroco, Padre Antônio Vieira é conhecido por seus sermões polêmicos em que critica, entre outras coisas, o despotismo dos colonos portugueses, a influência negativa que o Protestantismo exerceria na colônia, os pregadores que não cumpriam com seu ofício de catequizar e evangelizar (seus adversários católicos) e a própria Inquisição. Além disso, defendia os índios e sua evangelização, condenando os horrores vivenciados por eles nas mãos de colonos e os cristãos-novos (judeus convertidos ao Catolicismo) que aqui se instalaram. Famoso por seus sermões, padre Antônio Vieira também se dedicou a escrever cartas e profecias. (PADRE ANTÔNIO VIEIRA)

A necessidade se ter uma prioridade em destacar a identidade nacional era importante para os escritores locais, que ainda viam a constante mimeses aristotélica, no entanto era um reflexo de realidade vista através dos olhos portugueses. Logo, essa trajetória começou a se modificar com a utilização do pensamento e de traços literários do Romantismo no Brasil (1836 – 1871) a partir do qual se começou a trabalhar assuntos direcionados a um nacionalismo puro, que até então não era visto na literatura brasileira tendo em conta que toda a construção da sociedade brasileira passou por um processo de colonização e exploração de sua terra até que obtivesse algum tipo de ação contrária a um tipo de aculturação que vinha ocorrendo. Deste modo, afirma-se que:

O objetivo, portanto, com a adoção do conceito de *processo civilizatório* ou *civilizador*, foi demonstrar, dentro dos limites do possível, como houve um empenho particular de um grupo de intelectuais e literatos, no Brasil, no sentido de estimular os cidadãos a adotar o sentimento patriótico, um comportamento amante da ordem e das leis, da religião e do estado, tendo a literatura e a história como instrumentos propagadores da ação civilizatória no sentido de dar coesão e *civilidade* aos diversos agrupamentos sociais da pátria recém-nascida. (LEÃO, 2013, p.47)

Entende-se que esse debate acerca do *processo* civilizatório contribuiu para uma criação literária sobre a descrição da natureza como modo de inspiração a qual começou realmente após a vinda de portugueses no país. Entretanto, com o Romantismo, a natureza era debatida sob outro olhar, pois:

Não éramos mais ‘filhos de Portugal, mas também não éramos indígenas, uma vez que tínhamos absorvido costumes e cultura da civilização europeia. O período literário do Romantismo, como recorte temático, foi movido por fortes acontecimentos históricos e políticos ajudando a construir a identidade da nação. (NERES, 2010, p.132)

Além disso, pode-se argumentar que a nova visão literária no Brasil passou a ser diferente da tratada e discutida em Portugal e, a partir disso, notar uma diferença de características do Romantismo entre os países:

A natureza, como fonte estética e forma para a escrita durante a formação da literatura brasileira, começou a ser utilizada a partir da chegada dos portugueses ao Brasil. O primeiro texto escrito nestas terras foi a carta de Pero Vaz de Caminha retratando o espaço descoberto de modo direto e mostrando

as diferenças entre a colônia e a metrópole. De certa forma, escrevia sob as características básicas do Quinhentismo, em cujo contexto histórico o europeu apenas se preocupava com as conquistas materiais, resultado das Grandes Navegações, e espirituais, consequência da Contra-Reforma – atributos da literatura medieval europeia. Ou seja, expandia-se entre fé e comércio uma relação cujo objetivo era apenas a riqueza da metrópole, e a paridade entre fé e natureza, esta vista como uma dádiva de Deus. Pode-se dizer ainda que, a partir deste momento, formava-se a literatura informativa a qual não é considerada brasileira, mas uma literatura sobre o Brasil para Portugal. (MIRANDA FILHO, 2012)

A literatura brasileira começou a se delinear aos poucos com o objetivo de ter suas próprias características, além de ter de construir uma valorização do que era elaborado em território nacional.

Com isso, os jovens poetas foram aos poucos revelando a ‘face’ brasileira aos brasileiros e ajudando a construir uma identidade nacional. Como principais representantes dessa geração têm-se Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias; este consolidou o Romantismo no Brasil referindo-se a temas nacionais; este consolidou maranhenses, ele é o que mais integrou a nossa literatura à literatura nacional. (NERES, 2010, p.135)

Percebe-se, deste modo, que a construção da literatura nacional propriamente dita começou a ser destacada aos poucos por meio de traços que separavam o que era europeu e realmente brasileiro, ou seja, o Romantismo começou a trazer a consciência para a valorização da cultura local sob a visão do próprio povo local. Pode-se entender que a questão de identidade literária e social começou a se tornar mais importante a partir daí, pois:

A compreensão destas e de outras questões constitui-se em um mecanismo fundamental para a apreensão dos significados produzidos ao redor da noção de Atenas Brasileira. A constatação de a História do Maranhão ter sido fruto do amálgama entre Literatura e História nos possibilitou entender o local ocupado pelas elaborações literárias no processo de construção de identidades durante o século XIX no Maranhão e, de maneira mais específica, promoveu a problematização do modo como a idéia de singularidade da cidade de São Luís colocou-se no bojo das produções históricas do Maranhão, também durante grande parte do século XX nestas terras. (RESNDE, 2010, p.71)



No século XIX, houve grandes mudanças no desenvolvimento do Brasil como nação desde o processo de independência em 1822. O cenário social adquiria novas visões, principalmente com os crescimentos cultural e econômico que ocorriam lado a lado em virtude da chegada de novas instituições que a Corte Portuguesa havia trazido após sua chegada em 1808, fugindo da ameaça francesa de Napoleão Bonaparte: por exemplo, a educação – que antes era escassa e passada por religiosos – mudou, como afirma Laurentino Gomes: “outra novidade foi a introdução ensino leigo e superior. Antes da chegada da corte, toda educação era estava restrita ao ensino básico e confiada aos religiosos” (GOMES, 2007, p.217).

Pode-se afirmar que, a partir desse momento, o acesso ao ensino se tornou mais fácil para os intelectuais que pretendiam aprofundar seus conhecimentos, pois nota-se que anteriormente as pessoas que pretendiam se formar em um curso superior deveriam fazê-lo em outra cidade fora do Maranhão – como o Rio de Janeiro – ou fora do país, como em Portugal, no entanto somente uma pequena parcela da população tinha condição financeira suficiente para bancar estudos fora do estado ou do país.

Além do crescimento educacional com a chegada da corte portuguesa que gerou maior acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, aumento de intelectuais no Maranhão, pode-se analisar que um fator foi importante para essa ampliação de conhecimento: a economia que girava em torno da produção de cana de açúcar, por exemplo, e que foi melhorada com a fundação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, como afirma Ricardo Leão:

A próxima etapa consistiu em realizar um levantamento sobre a fundação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (1755 – 1775), apontando a importância deste empreendimento mercantilista para lançar os fundamentos econômicos que permitirão o nascimento de uma elite letrada no Maranhão e, conseqüentemente, de uma sociedade e cidade letradas, assim como demonstrar como um passado, através da historiografia local, teve a sua destacada importância para o surgimento das tradições maranhenses, sobretudo no tocante à atividade letrada. (LEÃO, 2013, p.50)

Percebe-se, assim, que a criação literária maranhense – assim como a brasileira em geral – começou a dar mais valor ao que deveria ser produzido pelo olhar do maranhense com o objetivo de produzir obras sem o sentimento europeu, principalmente português, como acontece até o início do século XIX. A partir das obras do escritor caxiense Gonçalves Dias,

passou-se a não se importar mais temas de outros locais. Logo, conseguiu-se colocar o Maranhão em um patamar maior na literatura e, com isso, adquirir reconhecimento nacional. Por meio dessas mudanças, vários grupos de intelectuais começaram a se destacar após a utilização de temas indianistas. No entanto, foi com o Grupo Maranhense (formado por Odorico Mendes, Sotero dos Reis, Gonçalves Dias, Joao Francisco Lisboa) que São Luís recebeu o codinome *Atenas Maranhense* principalmente por estar repleta de escritores ou “homens de impressionante genialidade e intelectualidade elevavam o Maranhão a ser comparado com a mais famosa das cidades-estados gregas” (NERES, 2010, p.137). A partir daí, começa-se a perceber que:

[...] São Luís conheceu o que é hoje chamado de Grupo Maranhense, grupo de autores que escreviam em estilo romântico e que tiveram destaque nacionalmente. Composto por várias personalidades das letras maranhenses, dentre as quais se destacaram nomes como Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Sotero dos Reis, Sousândrade, dentre outros, que em função do reconhecimento de suas obras, ajudaram a ‘forjar’ o título de *Atenas Maranhense*, para a capital da Província do Maranhão. (SILVA)

Como a cidade de São Luís era considerada uma nova *Atenas*, a literatura maranhense começou a se tornar visivelmente reconhecida a nível nacional por ter tornado a literatura brasileira ainda mais rica em relação a temas, expressões e padrões clássicos reinventados ao modo nacional. O conjunto de intelectuais maranhenses da época se viu com uma necessidade de aprimorar ainda mais a quantidade de conhecimento a qual a cidade de São Luís vinha recebendo com as extensas mudanças socioeconômicas, e, deste modo, a cultura e a literatura maranhenses cresciam a passos largos em virtude do surgimento de uma nova visão através da qual se pretendia haver uma identidade nacional posta na criação literária. Afirma-se, assim, que o surgimento do epíteto *Atenas Brasileira* ocorreu devido a este crescimento desenfreado na cultura, e, segundo Ricardo Leão, compreende-se que atenienses são:

[...] um grupo de intelectuais surgidos durante o século XIX, mais especificamente em São Luís do Maranhão, decorrente do epíteto *Atenas Brasileira* que a cidade recebeu em função da movimentada vida cultural e do número expressivo de intelectuais e literatos ali nascidos ou residentes – depois em parte migrados para a Corte, no Rio de Janeiro –, com um papel muito importante na configuração da vida política e literária do país que tinha

acabado de emancipar-se da antiga metrópole portuguesa. Os *Atenienses* são, portanto, os vários grupos de intelectuais e homens de letras surgidos em torno da *cidade letrada* de colonização portuguesa, como São Luís, a qual teria sido um dos poucos centros de intensa atividade intelectual dos primeiros e segundo períodos imperiais brasileiros. (LEÃO, 2013, p.35)

Logo, a sociedade maranhense acabou se tornando cada vez mais letrada e imitando os costumes europeus em relação ao gosto pela cultura mais “elevada” a fim de ir ao encontro de mais conhecimentos.

É este, com efeito, o núcleo do problema, pois quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, idéias), que serve de veículo para conduzir a corrente criadora (nos termos de Lukács, se apenas possibilita a realização do valor estético); ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto obra de arte (nos termos de Lukács, se é determinante do valor estético). (CÂNDIDO, 2016, p.14)

É nesse sentido que o valor social passou ter outro sentido à literatura maranhense que passara a ser feita para o povo local. A produção literária brasileira, no geral, se situava na mesma condição, visto que, segundo Alfredo Bosi, havia a necessidade de fundar um novo país e uma nova literatura dissociada do ideal europeu, assim como ele afirma: “o romance colonial de Alencar e a poesia indianista de Gonçalves Dias nascem da aspiração de fundar em um passado mítico à nobreza recente do país” (BOSI, 2006, p.2006).

Percebe-se, assim, que havia uma tentativa de construir um caráter próprio dentro da criação literária brasileira, embora houvesse uma aproximação com as características portuguesas – mesmo que a cidade de São Luís tenha sido fundada por franceses em 1612 - em virtude de, principalmente, o Brasil ter sofrido uma colonização lusitana, cujo “período áureo do lusitanismo maranhense começou com o empreendimento mercantil proporcionado pelo Marquês de Pombal e findou com a Independência Política do Brasil” (LEÃO, 2013, p.293), que aconteceu no Maranhão “somente em 28 de julho de 1823” (idem, p.294), pois ainda havia certos costumes que se tentava adotar da Europa de onde saíam grandes revoluções literárias e filosóficas, como o Romantismo inglês e português e o Iluminismo da França, e, deste modo:

A classe dominante maranhense foi assimilando e adotando os costumes europeus, cultivando as artes e as letras. O teatro mudou de feição. Companhia líricas vinham à São Luís cantar para um público requintado. Esse é o discurso registrado em jornais e na literatura requintada da ‘Atenas Brasileira’. (NERES, 2010, p.140)

A literatura maranhense começou a se tornar visivelmente reconhecida a nível nacional por ter tornado a literatura brasileira ainda mais rica em relação a temas, expressões e padrões clássicos reinventados ao modo nacional. Logo, a sociedade maranhense acabou se tornando cada vez mais letrada e imitando os costumes europeus em relação ao gosto pela cultura mais “elevada” a fim de ir ao encontro de mais conhecimentos.

No entanto, a economia - que abastecia a região e, portanto, o cenário literário - entrou em declínio com o fim da escravidão em 1888, visto que esta mão de obra abastecia boa parte dos serviços mais lucrativos do Estado, como as atividades de agroexportação. Assim:

O discurso da crise nesse sentido - evidenciado a partir da segunda metade do século XIX - além de marcar o sistema econômico da Província através da estagnação econômica, se estendera também no âmbito cultural e na política. (ROCHA, 2017)

Além disso, pode-se dizer que outro ponto importante que contribuiu para o declínio da literatura maranhense foi o falecimento dos principais escritores do Grupo Maranhense: Gomes de Sousa, Trajano Galvão, Odorico Mendes e Gonçalves Dias. Depois desse ocorrido, notou-se que o desenvolvimento e a produção da literatura começaram a se tornar diferente principalmente devido à ausência de estímulos de políticas da época, e “com a Abolição da Escravidão em 1888, a queda da Monarquia e a derrocada da agroexportação, o discurso mudara, as luzes da iluminada ‘Atenas Brasileira’ começam a se apagar”.

Além disso, havia outros fatores – tantos nacionais quanto internacionais – que incentivaram para a crise econômica no Maranhão, como afirma Ricardo Leão:

[...] a economia agrária e escravista que dá sustentação e base aos empreendimentos e à riqueza da Província é um dos pontos fundamentais de articulação para a elaboração do discurso em torno de um período de riqueza e desenvolvimento. Contudo, uma série de acontecimentos provocou um imenso abalo na estrutura econômica, e conseqüentemente, em toda a sociedade maranhense. Além dos surtos algodoeiros internacionais, causados com a saída dos Estados Unidos do mercado, então o principal abastecedor do produto para a indústria inglesa, em duas ocasiões – a Independência daquele

país e a Guerra de Secessão -, tiveram um profundo impacto os movimentos e revoltas sociais, como a Balaiada, que provocaram enormes perdas financeiras em todas as fazendas do interior, afetando, portanto, o equilíbrio das exportações e as gerações de divisas. (LEÃO, 2013, p. 323)

No entanto, começou-se a perceber que houve uma reviravolta nesse processo de declínio entre o início do século XIX e começo do XX a partir do surgimento dos *Novos Atenienses* que foi criado após a Academia Maranhense de Letras ter sido inaugurada em 1908 com o comando de Antonio Lobo e Fran Paxeco, escritores que contribuíram com a criação de um novo discurso literário, além de desenvolverem o surgimento de novos intelectuais, como Inácio Xavier de Carvalho, José Maranhão Sobrinho, José do Nascimento Moraes, entre outros.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretende discutir como literatura maranhense se originou durante o século XIX. Pretendeu-se analisar as características literárias a partir dos aspectos do Romantismo, principal movimento literário brasileiro, a partir do qual se começou a se preocupar com a formação de identidade da nação vista sem influências da tradição europeia, especialmente portuguesa.

É necessário e importante, portanto, frisar que a produção do artigo partiu da análise do contexto social, econômico, cultural e histórico pela qual a cidade de São Luís passava com o objetivo de explicar como a literatura maranhense se tornou tão formidável a nível nacional. Logo, é perceptível que as mudanças sociais permitiram o surgimento de uma classe de intelectuais que modificaram o modo de ver o país sem o parâmetro do outro, sem o olhar do colonizador português. Pretendeu-se explicar como:

A elite letrada se constituiu como Atenas Brasileira e que fatores sociais fizeram com que eles se apropriassem de diferentes posições em cargos públicos. Assim, tomando como base os fundamentos sociológicos, a formação de determinado grupo de intelectuais se organiza a partir de posições que ocupam num dado momento do tempo na estrutura do campo intelectual. Nesse âmbito as classes dirigentes ou dominantes se agregam entre si, e constroem dentro da sociedade algo para se afirmar e consolidar. (Idem)

A partir da pesquisa bibliográfica, almejou-se alcançar explicações e análises acerca do panorama literário maranhense para se compreender até que ponto se justificava o recebimento do epíteto *Atenas Brasileira*, além de se discutir como em pouco mais de cinco décadas a cidade entraria em uma forte crise econômica e, devido a isso, praticamente perderia a grande percepção que se tinha da produção literária da época. Logo, pretendeu-se explicar como:

[...] o campo intelectual maranhense da Primeira República se ergueu apropriando-se do legado simbólico, a *Atenas Brasileira*, deixado pelos seus epígonos ou mestres da literatura maranhense de outrora, como uma estratégia de se consagrarem intelectualmente, culturalmente e simbolicamente [...] (Idem)

Pode-se falar, deste modo, que uma pesquisa acerca da origem literatura maranhense nos permite compreender como a sociedade maranhense se formou a partir dos questionamentos sobre identidade nacional os quais objetivavam de adquirir características e aspectos próprios sem a influência do colonizador, fato que foi forte destaque na construção dos cenários políticos, econômicos e intelectuais da atualidade.

Neste trabalho, tentou-se explicar a origem do epíteto *Atenas Brasileira* para a cidade de São Luís, cuja literatura se iniciou em 1832 durante o Romantismo e com as publicações do poeta Odorico Mendes. Além disso, o objetivo central do artigo foi analisar e esclarecer o percurso sociocultural e histórico da literatura maranhense, tendo em vista uma reflexão que contribuísse com um entendimento sobre a vida cultura do início do século XIX, época na qual ocorreu um grande desenvolvimento na literatura maranhense.

Pode-se afirmar, portanto, que estudar as origens da literatura maranhense é compreender como ocorreu o percurso sociocultural e histórico para que a cidade se tornasse o que é hoje. Além disso, destaca-se a necessidade de se estudar a sociedade da época a fim de compreender como, de maneira satisfatória, “focalizar aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária nos seus diferentes momentos” (CÂNDIDO, 2016, p.27).

Assim, faz-se necessário estudar os questionamentos sociais a fim de se compreender como a formação de identidade colaborou para a valorização da história literária

local, além de corroborar a formação do entendimento de uma sociedade tal qual ela é com suas próprias características.

Compreende-se, deste modo, que os questionamentos sobre a historicidade e literalidade estão interligados de maneira eficaz por contribuírem para o desenvolvimento da noção e conceito do que é indivíduo e social. Portanto, estudar as origens da literatura maranhense é buscar apreensão acerca de sua formação histórica que permita entender as suas estruturas atuais, o que permitiu a cidade ser reconhecida como *Atenas Brasileira*.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2016.
- GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e o Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- LEÃO, Ricardo. **Os atenienses e a invenção do cânone ocidental**. 2 ed. São Luís: Geia, 2013.
- MELO, Carla. **Atenas maranhense desencontros sobre Atenas Brasileira**. Disponível em: <<http://maranhaomaravilha.blogspot.com.br/2010/10/atenas-brasileira-desencontros-sobre.html>>. Acesso em: 03 mar 2017.
- MIRANDA FILHO, Ricardo. **Literatura (não)nacional**. Disponível em: <<http://www.ricardomirandafilho.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=3722407>>. Acesso em: 26 junho 2017.
- MORAES, Jomar. **Apontamentos de literatura maranhense**. São Luís: edições Sioge, 1976.
- NERES, José (org). **Tábua de papel: estudos de Literatura Maranhense**. São Luís: Café & Lápis, 2010.
- OLIVERIA, Maria das Neves; AZEVEDO, Silva. São Luís, Atenas Brasileira: um percurso histórico sobre a construção da identidade literária ludovicence. In: NERES, Jos. (Orgs.). **Tábua de papel: estudos de Literatura Maranhense**. São Luís: Café & Lápis, 2010.

**PADRE Antônio Vieira.** Disponível em:  
<<http://www.soliteratura.com.br/barroco/barroco06.php>>. Acesso em 9 fev 2017.

RESENDE, Rafael Serra de. Da Ágora ao Pantheon: intelectuais de “Atenas” e a literatura do Maranhão. **Revista Outros Tempos**. Volume 3, número 4, 2007, p.70-90. Disponível em:  
<<http://www.outrostempos.uema.br/Volume04/vol04art07.pdf>>. Acesso em: 8 fev 2017.

ROCHA, André Gusmão da. **Os novos atenienses: apropriação do imaginário da Atenas brasileira na Primeira República.** Disponível em:  
<<http://www.outrostempos.uema.br/oitocentista/cd/ARQ/07.pdf>>. Acesso em: 9 fev 2017.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. **História da Literatura Brasileira e outros ensaios.** Organização, apresentação e notas de Roberto Acízelo de Souza. Rio de Janeiro: Zé Mario Editor, 2002, p.54.

SILVA, Renato Kely Marques. **Literatura, Gênero e Escritoras em São Luís, Maranhão.** Disponível em:  
<[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST66/Renato\\_Kerly\\_Marques\\_Silva\\_66.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST66/Renato_Kerly_Marques_Silva_66.pdf)>. Acesso em: 10 fev 2017.